

**A MULHER TUPINAMBÁ: UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE A
A PRESENÇA FEMININA INDÍGENA EM JEAN DE LÉRY E HANS STADEN****THE TUPINAMBÁ WOMAN: A CRITICAL APPROACH ON THE
THE INDIGENOUS FEMALE PRESENCE IN JEAN DE LÉRY AND HANS STADEN****Verônica Araújo Mendes¹**
historia.veronica96@gmail.com**RESUMO**

As expressões socioculturais de grupos ameríndios habitantes do Brasil seiscentista podem ser observadas a partir de leituras em fontes coloniais deixadas pelos diferentes viajantes que chegaram ao território no século XVI. Contudo, é importante considerar as contradições presentes nestes materiais, posto que são resultados das experiências pessoais de seus autores, os quais descreveram a sociedade indígena sob a influência do paradigma teológico-europeu. Ademais, ao nos debruçarmos sobre as fontes, observamos a heterogeneidade dos viajantes, os quais pertenciam a classes sociais variadas, possuíam formação intelectual e profissional diversas e desempenharam suas viagens por motivos distintos. Além disso, mesmo com as narrativas sendo mediadas pela tradição cristã, algo característico do período na Europa, até nisso distinguiam-se. Nesse texto, buscamos fazer uma análise crítica sobre o lugar ocupado pela mulher Tupinambá nas narrativas de dois viajantes no Brasil do século XVI: Jean de Léry e Hans Staden. A partir da leitura desses cronistas, a pesquisa intenciona pensar a presença feminina indígena por meio de uma abordagem que considera sua ação protagonista. A metodologia empregada é fruto de pesquisa bibliográfica e dialoga, sobretudo, com autores dos campos da História e da Antropologia.

Palavras-chave: Mulher Tupinambá. Viajantes. Protagonismo.**ABSTRAC**

The socio-cultural expressions of the Amerindian groups that inhabited Brazil in the 16th century can be seen in readings in colonial sources left by several travelers. It is important to consider the contradictions present in the materials, since they are the result of the personal experience of their authors, authors who considered indigenous society under the influence of the theological-European paradigm. Furthermore, when looking at the sources, we observed the heterogeneity of the travelers, who belonged to different social classes, had different intellectual and professional backgrounds and made their trips for different reasons. Furthermore, although the narratives are mediated by the Christian tradition, something characteristic of the time in Europe, they are still different. In this text, we seek to make a critical analysis of the place occupied by the Tupinambá woman in the narratives of two travelers through Brazil in the 16th century: Jean de Léry and Hans Staden. From the reading of these chroniclers, the research intends to think of the indigenous female presence through a bias that considers its action protagonist. The methodology used is the result of bibliographic research and dialogues with authors from the areas of History and Anthropology.

Keywords: Tupinambá woman. Travelers. Protagonism.

¹ Graduada em Licenciatura em História pelo Centro de Ensino Superior de Arcoverde (CESA).

INTRODUÇÃO

A presença feminina indígena na América Portuguesa do século XVI pode ser observada nos relatos de viagens e viajantes da época, uma vez que esses autores estabeleceram relações diretas com os diferentes povos habitantes das terras brasileiras. No entanto, é preciso ter o cuidado ao se debruçar sobre essas fontes para não incorrer em “reprodutivismos”. O termo “reprodutivismo” é bastante frequente entre os teóricos da crítica-reprodutivista, como Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, os quais encontraram seus alicerces no conceito de “violência simbólica”. Para Bourdieu, por exemplo, a violência simbólica acontece sob a forma de uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2003, p. 7 e 8). Apesar da importância teórica dos autores, o cuidado para não utiliza-se do “reprodutivismo” é fundamentado em diálogo com Demerval Saviani (2011). A perspectiva teórica “histórico-crítica”, elaborada por Saviani, visa superar as insuficiências das críticas-reprodutivistas, sobretudo ao constatar a ausência do método dialético. Desse modo, o autor conserva “o caráter crítico de articulação com as condicionantes sociais que a visão reprodutivista possui, vinculada, porém, à dimensão histórica que o reprodutivismo perde de vista” (SAVIANI, 2011, p. 78).

Portanto, não se trata de buscar a narrativa sobre o passado das mulheres indígenas Tupinambá nos escritos deixados pelos viajantes, mas sim, a partir de uma leitura crítica destas fontes, revisitar o passado, a fim de encontrar subsídios para uma nova abordagem, a qual paute-se na perspectiva de evidenciar os protagonismos das mulheres como proposta teórica. Foram as mulheres que “criaram uma série de práticas e técnicas sociais que não apenas garantiram a sobrevivência material da sociedade, como também ajudaram a elaborar identidades e distinções com os homens, com os inimigos e com a natureza” (FERNANDES, 2016, p. 77). Diante disso, no presente texto, buscamos por meio de uma abordagem crítica-reflexiva, discutir o lugar social ocupado pelas ameríndias em suas sociedades e nas dinâmicas coloniais no geral. A partir dos textos dos cronistas Jean de Lery e Hans Staden, será possível acompanhar os diversos ciclos da vida da mulher indígena, maternidade, nascimento, puberdade, casamento e trabalho.

Para tanto, a pesquisa encontra seu arcabouço teórico em autores que discutem a temática indígena, no campo da História e da Antropologia, como João Azevedo Fernandes

(2016), que contribui para pensarmos a mulher indígena Tupinambá como sujeito histórico, Daniela Fernandes Alarcon (2013; 2020), a qual, mesmo situando sua contextualização histórica e historiográfica no tempo presente, colabora com nossas reflexões ao incorporar a fala de diversos sujeitos indígenas na participação dos processos históricos, para ela:

uma abordagem que os restringisse à condição de vítimas, enfocando apenas as perdas por eles sofridas, ocultaria o fato de que, ao longo do tempo, eles se organizaram para disputar seus destinos. Para concretizar seus projetos de dominação, os não índios tiveram de se bater com uma resistência persistente, manifestada por meio de estratégias diversas; além disso, como veremos adiante, o triunfo dos não-índios, apesar de abarcador, nunca foi total (ALARCON, 2013, p.29 e 30).

João Pacheco de Oliveira Filho (2018), Manuela Carneiro da Cunha (1990), autores que questionaram uma visão unívoca sobre os viajantes, e nos ajuda a entender as motivações dos cronistas ao realizarem viagens ao Brasil e, por conseguinte, suas obras.

O VIAJANTE JEAN DE LÉRY

Jean de Léry (1534-1611) foi um francês calvinista e simples sapateiro que partiu em viagem ao Brasil na “missão colonizadora” desempenhada por Villegagnon.² De acordo com o próprio Léry, a motivação para viajar às terras brasílicas, além da subserviência a seu Deus, segundo o evangelho reformado, foi, mormente, a tentativa de refugiar-se das terríveis perseguições religiosas comuns à época na Europa, podendo, por isso, seguir e pregar sua religião livremente. Mas, as discrepâncias os acompanharam, o que acarretou no exílio de Jean de Léry entre os nativos Tupinambá. Durante a estada entre os indígenas o viajante se dedicou a observar atentamente o povo indígena e suas expressões socioculturais. A princípio, não pretendia escrever um livro, fazendo muito depois, por insistência de amigos.

Em 1558, Léry escreveu uma narrativa sobre as perseguições dos fiéis na América e entregou ao impressor João Crespin, o qual estava organizando uma obra intitulada: “História dos mártires perseguidos e mortos em defesa da verdade dos evangelhos, desde a época dos apóstolos até os dias presentes”. Devido ao texto ter sido inserido no livro dos mártires, por

²É importante compreender que a imagem sobre Villegagnon é fruto das relações pessoais com o mesmo. Vasco Mariz escreveu um trabalho muito interessante: “Villegagnon: herói ou vilão” (2008), apresentando o Almirante como homem notável e de prestígio, desconstruindo a imagem de sujeito desalmado, disseminada pela narrativa do Jean de Léry.

muito tempo acreditou-se que Crespín fosse o autor. A narrativa de “Viagem à Terra do Brasil” surgiu a pedido de amigos depois de 1563, porém, não foi impressa de imediato e findou perdida. Léry a escreveu novamente a partir da memória, mas acabou perdendo-a outra vez. Em 1576, foi encontrado o primeiro manuscrito e publicado (GAFFAREL, 2007 apud LÉRY, 2007). Até onde nos foi possível pesquisar, Léry não desejava adquirir glória e riquezas ao escrever sua narrativa.

A presença feminina ocupa algumas páginas no relato de Jean de Léry, como observado no seguinte fragmento:

Mas o que mais nos maravilhava nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas como os homens, nem se cobrirem de penas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes lhes déssemos vestidos de chita e camisas. [...] E tão forte era esse hábito e tanto se deleitavam com a nudez que não só se obstinavam em não se vestir as mulheres dos tupinambás, que viviam no continente em plena liberdade, com seus maridos e parentes, mas ainda as próprias prisioneiras de guerras, que compráramos, e conservávamos no forte para trabalhar; embora as cobríssimos à força, despiam-se as escondidas ao cair da noite e passeavam nuas pela ilha, por mero prazer (LÉRY, 2007, p. 120).

Uma ponderação deve ser feita sobre a narrativa construída por Léry acerca da nudez da ameríndia. Em contraste com os defensores do caráter lascivo e luxurioso provocado pelos corpos nus das nativas, o cronista refutou a ideia concebida por muitos viajantes do clima de “intoxicação sexual” (FREYRE, 2006, p. 161) no Éden brasílico. Para Léry, os corpos desnudos das “Evas índias” não faziam com que os devotos colonizadores cometessem o desvio do pecado, uma vez que os “enfeites” usados pelas mulheres europeias causavam “males maiores” que a “nudez habitual” das nativas, “as quais, entretanto, nada devem às outras quanto à formosura” (LÉRY, 2007, p. 121).

A NARRATIVA DE HANS STADEN

O artilheiro Hans Staden, assim como Jean de Léry, esteve entre os Tupinambá. Não obstante, diferentemente de Léry, Staden não era considerado por este povo indígena um amigo, mas um inimigo. Confundido como português, foi capturado e levado para a aldeia indígena, para supostamente servir de comida no festim antropofágico. Os diferentes povos habitantes no Brasil seiscentista viviam em conflitos. Ao entrarem em contato com os colonizadores, trataram

de firmar alianças. Os Tupinambá tomaram por aliados os franceses e, tinham por inimigos, os portugueses que chegaram “anos antes e selaram amizade com os Tupiniquins, seus inimigos, no lugar onde até hoje moram” (STADEN, 2019, p. 72).

Staden desembarcou no Brasil, especificamente em Pernambuco, pela primeira vez em janeiro de 1549, retomando a Lisboa depois de uma viagem de dezesseis meses. Apesar de todos os infortúnios narrados sobre o período em terras brasílicas, realizou outra viagem ao Brasil em 1550. Quais as motivações para Hans Staden realizar duas viagens ao Brasil? Os fins não são bem explicitados em sua narrativa. Como descrito pelo viajante, sabe-se que a intenção na primeira viagem, era conhecer a Índia e para isso viajou de Bremen à Holanda. De Kampen, viajou para Portugal, dirigindo-se à cidade de Lisboa. No entanto, os planos não se concretizaram, visto ter perdido o navio que partiria ao destino almejado. Segundo Staden, em Lisboa, o proprietário da pousada onde se hospedou era o alemão Leuhr o qual o ajudou a encontrar outra oportunidade de viagem. Por intermédio dessa ajuda o cronista ingressou como artilheiro em um navio em viagem para o Brasil. Em terras brasílicas, Staden passou por muitas tribulações, teve contatos com os povos indígenas Caeté, em Pernambuco e com os Potiguara, na Paraíba. Na segunda viagem, ao desembarcar em São Vicente, a tripulação foi recebida por portugueses, os quais, reconhecendo as habilidades do artilheiro, pediram que este ficasse em Bertioga para ajudar contra os ataques dos Tupinambá.

Todavia, o que motivou a busca por viagens? Seria aventura? Riquezas? Uma espécie de “missão divina”? Tais questões não têm respostas muito nítidas, mas, considerando o contexto da época, poderia ser um misto de ambas, com o fator econômico preponderando. O seguinte trecho reforça essa afirmativa: “seguimos para uma cidade chamada Funchal e depois seguimos para uma cidade chamada Cabo Chir, pertencente a um príncipe mouro [...] ao nos avizinharmos do porto, vimos um navio totalmente carregado saindo dele, seguimos e o tomamos” (STADEN, 2019, p. 33).

Outra questão relevante refere-se, ainda, ao propósito de Staden ao “escrever”³ sobre as viagens ao Brasil. Franz Obermeier (2011) comentou que muitos viajantes dedicavam seus textos a pessoas importantes e recebiam como gratificação recompensas em dinheiro. Já “no caso de Staden, que voltou do Brasil sem grandes recursos financeiros, pode-se pensar que um posto na administração do landgrave teria sido certamente uma finalidade ideal para ele,

³Muitos pesquisadores, atribuem a obra ao Dr. Johannes Dryander, a quem Hans Staden pediu que “revisse, corrigisse e, quando necessário, aperfeiçoasse esta sua História” (DRYANDER, 2019 apud STADEN, 2019, p. 19).

infelizmente, não alcançou” (OBERMEIER, 2011, p. 6). Para Dryander, o relato e, por conseguinte, a publicação constituía uma forma de agradecimento a Deus pelas graças recebidas. Além do mais, a índole cristã do suposto autor o condicionava a mostrar para o mundo toda a ajuda recebida por seu Deus, pois “não gostaria de ser considerado pelos seus como alguém que esquece as graças de Deus” (DRYANDER, 2019 apud STADEN, 2019, p. 25).

Os relatos de Hans Staden, assim como do Jean de Lery, partem de observações pessoais, considerando que escreveram sobre as experiências vividas. Ainda assim, é importante ter em vista que as narrativas provêm das concepções próprias, as quais muitas vezes se sustentavam no discurso teologizado característico da época, seja católico ou protestante. Portanto, é necessário que os interpretamos como “representação da realidade, como imagens europeias sobre as sociedades indígenas radicadas no litoral do Brasil” (RAMINELLI, 2006, p. 11).

Apesar das semelhanças notórias nas narrativas dos cronistas, algumas distinções devem ser feitas para evitarmos o erro genérico de atribuir unidade entre os relatos de viagem e os viajantes. As intenções dos autores eram diversas, e atendiam a propósitos e contextos distantes. A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha contribui sobremaneira para tal reflexão, sobretudo ao dividir as diferenças dos cronistas em duas categorias:

Uma que passa entre autores ibéricos, ligados diretamente à colonização - missionários, administradores, moradores - e autores não ibéricos ligados ao escambo, para quem os índios são matéria de reflexão muito mais que de gestão; a outra que separa, nesse período de intensa luta religiosa, autores usados por protestantes de autores usados por católicos (CUNHA, 1990, p. 95).

Questionada a unicidade dos viajantes, é importante ressaltar que “os diferentes tipos de viajantes obedecem a pressões econômicas bem distintas e servem-se de esquemas mentais muitos diferentes” (OLIVEIRA FILHO, 1987, p. 134), cabendo nossas análises a respeito das formas como olharam sobre as culturas nativas, mais especificamente sobre o lugar que o feminino indígena ocupa nestas narrativas. Conforme os viajantes tinham seus interesses ameaçados, suas descrições variavam. Léry, na condição de hóspede dos Tupinambá, escreveu sobre índias modestas em comparação com as mulheres luxuriosas da Europa. Staden, na condição de inimigo dos Tupinambá, escreveu sobre índias diabólicas, as quais supostamente se alimentavam de carne humana.

AS MULHERES INDÍGENAS TUPINAMBÁ: MATERNIDADE E NASCIMENTO

O nascituro na sociedade indígena, assim como na europeia, ocorria com algumas cerimônias, ainda assim, existia enorme dessemelhança. Durante a gestação, como relatado pelos cronistas, a mulher indígena seguia com as obrigações cotidianas normalmente. A este respeito, Léry escreveu: “na verdade as mulheres de nossos tupinambás trabalham muito mais do que os homens” (LÉRY, 2007, p. 225). Portanto, o resguardo implicaria em instabilidades no funcionamento da vida social dos nativos. O mesmo ocorria pós parto, de acordo com Staden, demoravam quatro dias de paridas e retomavam suas obrigações, colocavam o bebê em panos de algodão sob as costas, enquanto exerciam atividade de trabalho (STADEN, 2019).

Na Imagem 1 podemos observar uma das xilogravuras presente na narrativa de Staden, a qual representa as mulheres com filhos nas costas durante a colheita da mandioca. Algumas se ocupavam de retirar as raízes da planta, outras carregavam o arbusto, provavelmente para posteriormente preparar seus alimentos. Enquanto as mulheres exerciam suas atividades de trabalho, o viajante Hans Staden fincava uma cruz em Ubatuba.



Imagem 1. Fonte: Staden (2019, p. 114).

Os partos, por sua vez, ocorriam de modo muito natural. Não haviam parteiras na aldeia, por isso, qualquer pessoa que estivesse próxima desempenha esse ofício, “não importa se

homem ou mulher” (STADEN, 2019, p. 150). Tanto Léry quanto Staden evidenciaram a importância conferida ao pai no nascimento. Quando a criança era do sexo masculino, a figura paterna cortava com os próprios dentes o cordão umbilical. Sobre a situação Léry escreveu:

Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rede de algodão. Se é macho dá-lhe logo um pequenino tacape e um arco miúdo com flechas curtas de penas de papagaio; depois de colocar tudo isso junto ao menino, beija-o risonho e diz: “Meu filho, quando cresceres serás destro nas armas, forte, valente e belicoso para te vingares dos teus inimigos” (LÉRY, 2007, p. 225).

Pelos relatos dos cronistas, a guerra ocupava lugar de destaque na sociedade Tupinambá e, deste modo, o nascimento de um menino era bem mais estimado, como observado na citação acima. Sobre os nomes para os filhos, os comentários de Staden possibilitam melhor análise. Se para Léry os nativos davam nomes de coisas e bichos, Staden apresentou a enorme significação do ato de nomeação para os ameríndios. De forma bastante organizada, o pai tratava de reunir em sua cabana os vizinhos mais próximos para consultar qual nome daria para a criança. A respeito desse costume, o cronista escreveu: “Propuseram vários nomes, mas nenhum lhe agradou. Ele disse que queria dar ao filho o nome de um dos quatro avôs, e disse ainda que os filhos que portassem os nomes dos ancestrais prosperariam e teriam sucesso na captura de escravos” (STADEN, 2019, p. 151). O artilheiro Hans Staden foi mais sensível ao citar rituais religiosos entre os nativos. As crianças mulheres recebiam nomes de pássaros, peixes e frutas das árvores. Assim como os meninos também teriam mais nomes, mas só depois de adultas, caso os maridos os conquistassem depois de matarem prisioneiros de guerra (STADEN, 2019).

A PUBERDADE E O CASAMENTO

O período de transição de menina a mulher era motivo de cerimônias entre os Tupinambá, as quais provocavam grandes sofrimentos nas mulheres. Contudo, apesar de toda dor física que sofriam, as cerimônias também podem ser concebidas como algo prestigioso. Era comum os mesmos procedimentos que as jovens recebiam durante a prática em homens guerreiros que matassem algum inimigo (STADEN, 2019). A primeira menstruação da índia

era digna de um rito de passagem, não observado por Léry, que registrou nunca ter percebido sinais de menstruação nas mulheres:

Penso que os afastam ou empregam modos de sangrar muitos diversos das europeias, pois vi meninas de doze a quatorze anos cujas mães e parentas as punham de pés juntos sobre uma pedra e com um dente afiado de animal lhes faziam incisões no corpo desde o sovaco até as coxas e joelhos; e as raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo (LÉRY, 2007, p. 228).

Se para Léry a prática acima narrada representava uma forma de procedimento das ameríndias para ocultar as “impurezas”, Staden, mais uma vez, revelou-se superiormente perspicaz e forneceu maiores detalhes sobre a prática: “quando elas crescem e atingem a puberdade, cortam-lhes os cabelos, fazem-lhes incisões com determinadas formas nas costas e atam-lhes alguns dentes de animais selvagens em torno do pescoço” (STADEN, 2019, p. 152).

A passagem de menina a mulher significava, ainda, que as índias estavam prontas para contrair matrimônio. Do ponto de vista do viajante europeu, o enlace matrimonial acontecia de maneira modesta. Para Léry (2007), cabia ao homem consultar a viúva ou donzela com quem queria se unir. Havendo reciprocidade no interesse, dirigia-se ao pai; na ausência deste ao parente mais próximo para pedi-la em casamento. Tendo o pedido consentido, levava a mulher consigo, sem maiores festividades. Também não haveria complicações para desfazer a união, fosse desejada por parte do homem ou da mulher.

Segundo os citados cronistas, a poligamia constituía prática comum entre os nativos. A leitura em Staden e Léry possibilitam vislumbrar como a prática indicava uma posição de *poder* entre os varões, “e quanto maior o número de esposas mais valente são considerados” (LÉRY, 2007, p. 223). No entanto, como sublinhou Staden (2019), a maioria dos homens tinha apenas uma mulher, sendo mais costumeiro entre os grandes chefes muitas esposas. Essa hierarquia manifestava-se no papel social ocupado pelas mulheres. Apesar de cada uma ter o próprio espaço na cabana, fogo e pés de mandioca e viverem em paz umas com as outras, havia, segundo Staden (2019), a “esposa-chefe” que tinha sido a primeira entre todas.

Ainda que as mulheres gozassem de plena liberdade sexual quando solteiras, deitando-se com viajantes em sinal de hospitalidade e com prisioneiros que ficavam a seu encargo até serem executados em supostos rituais antropofágicos, e apesar de, mesmo depois de casadas, serem entregues como presentes a outros homens, o adultério feminino lhes causava grande repúdio, podendo a adúltera enfrentar duras penas, uma das quais a morte (LÉRY, 2007).

A Imagem 2, outra xilogravura presente na narrativa de Staden, traz a representação do suposto costume festivo antropofágico, no qual as mulheres Tupinambá envolta do prisioneiro capturado o recebe com danças. A imagem contrasta duas ações: no centro, as mulheres recebem Hans Staden com dança e, um pouco a margem, tem-se mulheres arrancando violentamente a sobancelha e a barba do cativo. É interessante observar como algumas mulheres mordiscam seus próprios braços e correm em direção ao prisioneiro, como quem pressagiam o respaldo antropofágico que há de vir logo depois.



Imagem 2. Fonte: Staden (2019, p. 161).

O TRABALHO

O trabalho configura-se como atividade base para organização social de qualquer grupo humano, haja vista que através dele é produzido os meios para a vida. Com grande importância ao lugar que este ocupa na organização da sociedade, destacou-se os protagonismos assumidos pelas mulheres Tupinambá neste quesito. Como citaram Staden e Léry em suas narrativas, era

responsabilidade das mulheres o plantio, a colheita, a produção dos alimentos e bebidas, pois “são as mulheres que tudo fazem nessa preparação, [...] tendo os homens a firme opinião de que se eles mastigarem as raízes ou o milho a bebida não sairá boa” (LÉRY, 2007, p. 130).

A imagem 3, xilogravura também retirada da narrativa de Staden, traz a representação das mulheres nos preparos das bebidas. A cena demonstra as três fases do preparo da mandioca, primeiro coziam a mandioca em grandes panelas. Depois de cozida, trocavam de panelas e deixavam esfriar para que as meninas pudessem mastigar. Por fim, colocavam o alimento mastigado em vasos especiais.



Imagem 3. Fonte: Staden (2019, p. 147).

Em resumo, as xilogravuras apresentam a visão do viajante sobre os costumes dos ameríndios, em alguns momentos há uma tentativa de acentuar o comportamento supostamente canibalesco dos Tupinambá. Todavia, salientamos que a leitura que fazemos destas fontes parte de uma outra abordagem, a qual considera os protagonismos assumidos pelas mulheres em diferentes momentos no modo viver do seu povo.

Além dos elementos já citados, as mulheres contribuía na construção das moradias, fabricavam os utensílios domésticos, como panelas, vasos, frigideiras, fiavam o algodão e faziam redes. Também participavam da guerra, “não para combater, mas para carregar as redes,

a farinha e os demais víveres” (LÉRY, 2007, p. 187). E, ao serem capturados prisioneiros nas batalhas, eram das mulheres a obrigação de cuidar bem do inimigo. O cativo Hans Staden teceu comentários importantes sobre sua experiência:

Entregaram-me às mulheres, que ficaram comigo. Algumas andavam à minha frente, outras atrás de mim, e enquanto isso dançavam e cantavam uma canção, o que, segundo seus hábitos, fazem perante o prisioneiro que querem comer [...] No interior da caiçara as mulheres se jogaram sobre mim, golpearam-me com os punhos, arrancaram-me a barba e disseram na língua delas: “Xe nama poepika aé!”, “com este golpe vingo o homem que foi morto pelos teus amigos”. Nisto me levaram para a cabana onde tive de deitar numa rede, e mais uma vez vieram as mulheres e bateram em mim, arrancaram meus cabelos e mostraram-me de modo ameaçador como pretendiam me comer (STADEN, 2019, p. 69).

Ressaltando que a recepção não se limitava a golpes violentos. Dentre os cuidados com os cativos, incluía-se, além de uma boa alimentação, relações sexuais com as ameríndias; talvez Staden, na condição de homem religioso, ocultou tais detalhes para não agravar a moral cristã. Ainda sobre o trabalho, as mulheres também se revelaram hábeis negociantes. A esse respeito, Léry registrou: “As mulheres selvagens nos traziam grandes cestas (panacú) cheios de ananases, pacoras e outras frutas e os trocavam por um simples espelho (LÉRY, 2007, p. 178).

Contudo, é importante considerar que o lugar do trabalho feminino na sociedade Tupinambá não detinha um caráter puramente econômico. Conforme analisou João Azevedo Fernandes (2016), muitas atividades exercidas pelas mulheres eram vastas e complexas, configurando-se, ainda, como expressão social, pois “tais atividades representavam um verdadeiro discurso feminino a respeito da sociedade e do mundo como um todo” (FERNANDES, 2016, p. 87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa possibilitou algumas reflexões e considerações acerca da importância de analisar criticamente as fontes primárias. Ao dialogar com os campos da História e da Antropologia, constatou-se a posição de sujeitos históricos das mulheres Tupinambá, habitantes no Brasil seiscentista. Ainda que a partir de narrativas etnocêntricas do colonizador, observamos diversos ciclos da vida da mulher indígena Tupinambá, evidenciando os protagonismos no universo das relações nos primeiros anos da colonização europeia no Brasil.

Ademais, a pesquisa buscou contribuir com discussões que se dedicam a pensar o lugar social da Mulher Indígena Tupinambá dentro de um contexto mais específico, rompendo com tradições historiográficas que frequentemente destinam a mulher indígena à um âmbito de passividade no desenrolar dos processos históricos. A história oficial foi útil para justificar a dominação colonial, agora faz-se necessário reescrever uma outra história cujo objetivo seja alcançar a libertação (ALARCON, 2013).



REFERÊNCIA

ALARCON. Daniela Fernandes. 2013. **O Retorno da Terra: As retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, no Sul da Bahia.** [Online] Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Brasília: UnB. [Consultado em 14-11-20]. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13431/1/2013_DanielaFernandesAlarcon.pdf.

ALARCON. Daniela Fernandes. 2020. **O Retorno dos Parentes: Mobilização e recuperação territorial entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia.** [Online]. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional. [Consultado em 16-11-20]. Disponível em: https://www.academia.edu/42903936/O_retorno_dos_parentes_mobiliza%C3%A7%C3%A3o_e_recupera%C3%A7%C3%A3o_territorial_entre_os_Tupinamb%C3%A1_da_Serra_do_Padeiro_sul_da_Bahia_tese_de_doutorado_.

BOURDIEU, Pierre. 2003. **A dominação masculina.** 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 1990. **Imagens de índios do Brasil: O Século XVI.** [Online] Estud. av. vol.4 no.10 São Paulo Sep./Dec. [Consultado em 25-07-2020]. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141990000300005.

DRYANDER, Johannes. 2019 [1557]. Prefácio. In: STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil.** Porto Alegre, RS: L&PM.

FERNANDES, João Azevedo. 2016. **De cunhã a mameluca: a mulher Tupinambá e o nascimento do Brasil.** 2. ed. João Pessoa, Editora da UFPB.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. 1987. Elementos para uma sociologia dos viajantes. In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (Org.). **Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil.** [Online]. São Paulo: Marco Zero / UFRJ, 1987, v., p. 84-148. [Consultado em 22-07-2020]. Disponível em: <http://jpoantropologia.com.br/pt/capitulos-de-livros/>

FREYRE, Gilberto. 2006. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51ª ed. rev. São Paulo, Global.

GAFFAREL, Paul. 2007. Prefácio. In: LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil.** 2007 [1578]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil.** 2007 [1578]. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

MARIZ, Vasco. 2008. **Villegagnon: herói ou vilão?.** História [online] vol.27, n.1, pp.51-75. ISSN 1980-4369. [consultado em 20-08-2020]. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742008000100005&script=sci_abstract&tlng=pt

OBERMEIER, Franz. 2011. **Aprender sobre as culturas indígenas na época colonial: a gênese do livro de viagem de Hans Staden (História, 1557) no cruzamento de discursos alheios.** [Online]. Anuário de Literatura, ISSN e: 2175-7917, vol. 16, n. 1, p. 132-153, 2011.

[Consultado em 23-08-2020]. Disponível em:
file:///C:/Users/histo/Downloads/DialnetAprenderSobreAsCulturasIndigenasNaEpocaColonia
l-6960833%20(1).pdf.

RAMINELLI, Ronald. 2006. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 8. ed. São Paulo, Contexto, p. 7-44.

STADEN, Hans. 2019 [1557] **Duas viagens ao Brasil**. Porto Alegre, RS: L&PM.

SAVIANI, Dermeval. 2011. **Pedagogia Histórico – Crítica**: primeiras aproximações. 11ª ed. Revisada. Campinas, SP: autores associados.

